



O CASTELLO DE BOUCHOUT.

Nas visinhanças de Bruxellás, perto da deleitosa casa de campo de Lacken, que costumam habitar durante o bom tempo o rei e a rainha dos belgas, avulta um castello de aspecto inteiramente feudal: as suas torres, oito vezes centenárias, surgem, branqueadas e magestosas, d'entre a verde alcatifa de uma grande tapada: quem se avizinha d'esta fortaleza antiga, a vê espelhar-se n'um formoso e pequeno lago que lhe banha os alicerces. — É o castello de Bouchout.

I.

A lenda do fundador.

O castello de Bouchout foi edificado pelos annos de 1129 por Godofredo o barbudo, duque de Lothier, estado que comprehendia grande parte da Lorena e de todo o Brabante. A tradição e as lendas apossaram-se d'este personagem, e o fizeram heroe de uma d'essas epopéas que se contam ha oito seculos, aos serões juncto á lareira, e de que apenas ha escriptos alguns esboços, ainda mesmo nos thesouros manuscritos das bibliothecas.

Segundo essas tradições, Godofredo o barbudo, orphão em tenra idade, espoliado dos dominios pater-

nos, não conservára do illustre sangue de Carlos Magno, de quem descendia, senão coração nobre, grande valor, perseverança a toda a prova, e o seu condado de Lovaina, que era a unica cidade do Lothier que não atraçoára a causa do filho de seu senhor. — Quando Godofredo chegou á idade de dezeseis annos, e o pello macio e louro começou a dourar-lhe a barba, congregou em presença de sua mãe os seus vassallos principaes na igreja de Lovaina. Chegando o momento de levantar a hostia, o principe mancebo desembainhou a espada do pai, que cingira pela primeira vez, e a poz sobre o altar; e depois, apontando para a sagrada fórma, exclamou:

— «Pelo sangue do Redemptor e pela memoria de meu nobre pai, juro trazer nua á cinta esta espada, e não pôr navalha no rosto em quanto não entrar na posse de todos os dominios dos meus antepassados. . . A fraude e a violencia m'os roubaram quando era ainda muito creança para defendel-os. Aceitem Deus e os sanctos o meu juramento, protejam-me para cumpril-o, e castiguem-me se faltar a elle.»

Na voz e gesto de Godofredo manifestava-se tanta resolução e audacia, que todos os testemunhas do acto arrancaram tambem das espadas e clamaram:

VOL. I. — MARÇO 20, 1847.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

— «Sim! Sim! Derramaremos até a ultima gota de sangue, e daremos até a ultima moeda para servirmos em tão justo empenho.»

— «Não permitta Deus, meus senhores e meus dignos burguezes, que eu arrisque o vosso sangue de tanto prego, e que despeje as vossas bolgas que tanto vos tem custado a encher. Sósinho, sem mais auxilio que a protecção divina, quero recobrar meus direitos e ganhar ainda mais amplos. Se eu perecer, ao menos não arrastarei ninguem com a minha ruina... Mas não succumbirei, ajunctou logo, porque uma voz celestial, que ouvi em sonhos, me inspirou esta resolução e me promette feliz successo.»

Tomou de novo a espada, nua a poz á cinta, e ajoelhou para se continuar o sacrificio da missa. Ao vê-lo rezar com fervor, sentiram-se todos repassados de confiança na empreza do conde mancebo, tanto mais que do momento de se aproximar elle á mesa da communhão, brilhou um grande clarão na igreja, e uma voz, suave como a de um anjo, e que por certo não era de outrem, saíu do sanctuario, e cantou distinctamente: — *Adjutorium nostrum in nomine Domini.* — Apenas pronunciou o nome divino, estalaram trovões com violencia; o castello desvaneceu-se como fumo; e Godofredo achou-se n'um cimiterio solitario, ao pé do seu escudeiro que rezava de contas na mão. O mancebo poz-se tambem a orar, porque percebeu que acabava de escapar ás insidias do espirito maligno; e seguiu jornada afim de encontrar o imperador.

Não bastariam dez dias com dez noites para enumerar todas as provas por que passou Godofredo no espaço de seis mezes que decorreram até chegar ao termo da sua viagem; desconcertou, pela sua piedade e valor e pelos conselhos do seu escudeiro, todos os enredos do demonio; soccorreu opprimidos, protegeu orphãos, venceu gigantes e monstros, e tão bem andou que por toda a parte eram admirados o seu nome e valentia. A fama de tantas ptoezas lhe devia servir de muito para com o imperador, que não podia ignora-las, pois que tão estrondosas e illustres ellas eram; porém, antes de apparecer ao seu soberano, largou as armas com brazões, por conselho do escudeiro, para vestir outras que só tinham por simples divisa uma cruz singela com este moto: *Deus seja em minha ajuda! A minha causa é boa.* Estava o imperador então mui triste e embaraçado; rebelára-se seu filho e acarretára á traição a maior parte dos senhores vassallos de seu pai: havia, sobretudo, entre elles um prejuizo, por nome Henrique de Limburgo, que muito contribuíra para o filho conspirar contra o pai, e que dava conselhos scelerados e funestos.

Assim que Godofredo o barbudo avistou o acampamento do imperador, metteu d'esporas ao cavallo a fim de chegar mais depressa, e voltou-se para observar se o escudeiro o seguia. Com grande assombro seu viu-o todo de branco, e que desselava o cavallo, e tomava todas as disposições para não ir por diante, e passar alli mesmo a noite commodamente.

— «Então não queres acompanhar-me! E fazes conta de não ser mais meu escudeiro, pois que assim agora me abandonas?»

O companheiro sorriu-se e abanou brandamente a cabeça.

— «Penso que é prudente e de assizado conselho passar n'este sitio a noite para amanhã comparecermos perante o imperador vosso amo.»

— «Amanhã!... ainda não é bem noite e vamos perder tempo precioso... Avante!»

— «Se o senhor persiste em partir já, por mim aqui ficarei; será o senhor que me larga, e não eu que o abandono.»

Godofredo, sem examinar os motivos da deliberação do escudeiro, abnegou a sua opinião para abraçar aquella; deitou-se na relva, resoluta a esperar pelo outro dia. — Chegou este e ainda o conde mancebo dormia á larga, mas os echos de trombetas e os clamores de combatentes o acordaram de sobresalto. Montou logo e subiu a uma eminencia; d'alli descobriu que as tropas do imperador estavam ás mãos com as do principe Henrique, e que n'aquella occasião o exercito do filho levava vantagem sobre os soldados do pai. O escudeiro, conforme os seus habitos taciturnos, metteu o cavallo a galope, alcançou o campo da batalha e entrou na refrega: escusado é dizer que o conde o seguiu. Chegados ambos mudou tudo de face. Os dois combatentes levavam a victoria onde quer que acudiam; nunca se viu a cavalleiros praticar façanhas como Godofredo; quanto ao escudeiro de branco, bastava-lhe estender o dedo n'uma direcção para se postrarem os batalhões, como tocados por força invisivel. Brevemente o principe Henrique se pôz em fuga com a sua gente, e viu-se com admiração o principe de Limburgo, que até alli estivera de observação, afastado sem carregar com sua tropa, cair sobre os fugitivos, soltando o grito de guerra do imperador, e voltando depois á frente dos seus e trazendo muitos prisioneiros, ajunctar-se ao monarcha. — Chegado á presença do seu soberano, pôz o joelho em terra e disse:

— «Mostrei atraiçoar-vos para melhor servir-vos: dignai-vos perdoar-me um fingimento que bastante me tem feito padecer, porque me produziu a vossa cholera sem que eu a merecesse.»

O imperador não se deixou lograr por esta mentira, e bem percebeu que o conde de Limburgo tinha manhosamente esperado que se decidisse a victoria para tomar o partido do mais forte. Não mostrou agrado ao Limburgo, guardando para mais tarde tracta-lo como elle merecia. — No entanto Godofredo e seu escudeiro estavam confundidos na multidão; mas os olhos do soberano os distinguiam maravilhosamente.

— «Vinde cá, valorosos incognitos; nós vamos deliberar no que muito nos importa; vinde tomar parte no conselho, porque vos devemos a victoria.»

Obedeceram, apearam-se, e entraram na tenda do imperador; e tendo este pedido a cada um o seu parecer:

— «A minha opinião, é, disse o conde de Limburgo, que se persiga o principe rebellado até cair, vivo ou morto, por força ou astucia, nas mãos do soberano que offendeu.»

Quantos ouviram este voto bateram palmas em signal de assentimento. O imperador enxugou uma lagrima, e voltando-se para Godofredo, o unico que não applaudira:

— «Vós, senhor cavalleiro, qual é o vosso voto!»

— «Senhor, o principe Henrique é vosso filho; e o filho tem juz á misericordia de seu pai. Pensó que seria conveniente enviar-lhe um cavalleiro para lhe declarar que tendes os braços abertos e que o vosso perdão só espera pelo seu arrependimento.»

O imperador, commovido, abraçou Godofredo e lhe disse:

— «O vosso parecer prevalecerá a todos, porque foi Deus que vo-lo inspirou. Eu vos encarrego de procurar meu filho; parti já, e á volta recebereis a recompensa que pedirdes. No entanto não tendes que requerer de mim algum galardão?»

— «Só um, respondeu Godofredo; peço a vossa magestade o favor de não levantar a minha viseira e de não dizer meu nome até a minha volta.»

— «Teria grande contentamento em saber quem

sois; porque não conto entre os meus cavalleiros vasallo mais valoroso e mais avisado do que vós; mas faça-se como desejais.”

Godofredo se poz logo a caminho, guiado por seu escudeiro; mas no espaço de duas semanas não pôde alcançar o príncipe Henrique, taes eram os obstáculos de toda a casta que lh'o impediam: a final encontrou-o ao pé de Bruxellas, quando menos esperava e vinha de volta já descorçoado. Immediatamente lhe fallou, e com voz respeitosa mas firme lhe disse:

—“Senhor, venho da parte do imperador, vosso pai e meu amo, exhortar-vos ao arrependimento e trazer-vos proposta de perdão.”

—“Vindes do outro mundo, bradou descortezmente uma voz, que Godofredo reconheceu ser do conde de Limburgo: o imperador Henrique III morreu ha oito dias; e estais fallando ao vosso soberano, Henrique IV.”

As risadas da assembléa, a estas palavras, desconcertaram algum tanto Godofredo; mas o novo imperador fez signal que se calassem.

—“Mancebo, sois bom e leal subdito; desarmastes a justa cholera de meu pai contra mim; abençoou-me, em lugar de me amaldiçoar, no leito da morte; a vós é que devo esta felicidade. Dizei, quem sois?”

O anjo branco adiantou-se antes que seu amo supposto fallasse.

—“Este cavalleiro é o senhor conde Godofredo de Lovaina, despojado, em sua infancia, de seus estados pelo conde Henrique de Limburgo.”

—“Ah!... acudiu o imperador; estimo... eu lhe restituo todas as terras do Lothier, e os domínios que lhe roubou um traidor que enganou successivamente a meu pai e a mim. Ainda mais; dou-lhe minha irmã em casamento. Prendam o conde de Limburgo, e sepultem-n'o para sempre n'um carcere. Godofredo, abraçai vosso cunhado.”

—“Está consummada a minha missão; posso voltar para o céu”—bradou o escudeiro branco, que despregou duas azas de oiro e desapareceu por entre as nuvens, porque era um anjo que Deus tinha enviado para proteger Godofredo. (Continúa.)

COLOMBA.

Romance da Corsega.

Povera, orfana, zitella,
Senza cugini carnali! —
Ma per far la to vendetta,
Sta siguru, vasta anche ella.

Lament. funeb. de Niolo.

VII.

O CIRURGIÃO que devia fazer a autopsia dos dois cadáveres tardou muito. No caminho fôra apenado por Giocanto Castrioni, camarada de Brandolaccio, e convidado com a maior polidez para ir curar um ferido. Levaram-n'o ao pé de Orso, a quem applicou o primeiro curativo, e depois o honrado Castrioni encarregou-se de o conduzir até uma grande distancia, fallando-lhe dos mais afamados professores de Piza, que eram, dizia elle, seus amigos intimos. —“Doutor, accrescentou o salteador-theologo á despedida — estimo-o tanto que é conveniente advertir-lhe que o segredo é a alma do medico e do confessor.” E ao mesmo tempo batia no cão da espingarda. “Já se sabe;

vêr, ouvir, e calar, que é a antiga regra de bem viver. Adeus.

Por causa d'este encontro era que o cirurgião chegava tarde e um pouco perturbado.

Quasi ao pôr do sol Colomba e miss Lidia saíram da villa, e conversando sobre a aventura de Orso, objecto de extremo interesse para a bella ingleza, alongaram-se insensivelmente de Pietranera. No fim de um quarto de hora de subida por montes ingremes acharam-se n'uma assomada coberta de myrthos. Miss Lidia estava muito fatigada, e a noite ia cerrando.

—“Minha querida Colomba, parece-me que nos perdemos. Pietranera deve estar por força ali, onde se vêem aquellas luzes...”

—“É verdade, respondeu Colomba, mas a dois passos d'aqui... nas mattas... posso vêr e abraçar meu irmão...”

Miss Nevil recuou sobresaltada.

—“Mas o que hão de dizer de mim, Colomba? É tão tarde!... E Orso o que pensará!”

—“Ha de pensar que os seus amigos o não desamparam.”

—“E meu pai?...”

—“Sabe que saíu comigo... Então!... Esta manhã viu o retrato d'elle e á noite vê o original...” ajunctou com um sorrir malicioso.

Lidia córou, e sem dizer mais nada fez signal de que estava prompta. Colomba apertou-lhe a mão e principiou a andar com tanta rapidez, que a sua amiga mal a podia acompanhar. Cinco minutos depois, parando de repente, a irmã de Orso disse:

—“Agora, para nos não expôrmos a algum tiro, é preciso avisa-los.” E assobiando por entre os dedos soltou um silvo longo e estridente, a que immediatamente responderam os latidos de um cão. Passados instantes appareceu a sentinella avançada dos bandidos, o nosso conhecido velho Brusco, o qual, affagando Colomba, lhe foi servindo de guia. — Torcendo por muitas voltas nas estreitas sendas do bosque, foram encontrar-se com dois homens bem armados.

—“Es tu, Brandolaccio? perguntou Colomba. — E meu irmão onde está?”

—“Lá em baixo, replicou elle. Mas devagar!... Dorme.”

As duas mulheres adiantaram-se com cautela. Ao pé da fogueira, escondida detraz d'um muro de pedra solta, Orso repousava deitado n'um feixe de palha secca e embugado no seu capote. Estava muito pallido e tinha a respiração alta. Colomba assentou-se juncto d'elle, e, contemplando-o silenciosa e com as mãos erguidas, parecia extasiada em oração mental. Lidia, pondo o lenço na cara, encostou-se ao hombro da sua amiga, e de vez em quando estendia a cabeça para vêr o ferido. Finalmente Orso acordou.

Apenas elle abriu o olhos, Colomba deitou-lhe os braços ao pescoco, e, sem o deixar responder, proferiu mil perguntas ternas e inquietas. Orso, entretanto, parecia ter um só pensamento na cabeça. No meio dos padecimentos atrozes que o punham, e dos receios que o atormentavam, o amor, mais forte, queimava-lhe no coração, e perseguia-o incessantemente de esperanças e duvidas; aquellas, tão doces que as não ousava acreditar, estas, tão cruéis que sentia esmorecer o animo se acaso se demorava a combatê-las. A imagem de miss Nevil apparecia-lhe nas solidões dos bosques, por entre os vultos sombrios dos bandidos, sorrindo meiga de saudade, como anjo consolador, cujas azas escondiam as duas covas salpicadas de sangue, onde jaziam os dois inimigos da sua casa. Diante d'essa visão, radiosa de formosura e innocencia, as sombras do remorso desvaneciam-se; porque

a paz da consciencia, e a aventura que perdêra ao pizar a terra natal, só d'ella as ousava esperar ainda.

Foi por isso que Orso só achou palavras para perguntar a sua irmã se miss Lidia ainda estava em Pietranera, e se respondêra á sua carta. Colomba, inclinada sobre o rosto do mancebo, occultava-lhe inteiramente a sua bella amiga, que, mesmo sem isto, a obscuridade da noite, quasi serrada, lhe não deixaria perceber.

— «Não, Orso, replicou Colomba; miss Nevil não me entregou nenhuma carta... Mas tu tens-lhe muito amor? pensas n'elle sempre?»

E em uma das mãos segurava a da tremula ingleza, e com a outra erguia brandamente a face do ferido.

— «Se a amo, Colomba!... amo-a tanto, que não me queixaria de morrer, só pela vêr agora um instante só... Mas ella... que mal me conhece, ha de desprezar-me hoje... Esta idéa é que me mata!»

Ouvindo isto miss Nevil forcejou para retirar a mão d'entre as de Colomba, mas debalde. Com um sorriso de malicia infantil a linda filha de Corsega apressou-se em responder:

— «Desprezar-te ella!... se soubesses!... Olha, Orso, quero-te contar muita cousa a esse respeito...»

A mão captiva tornou a querer fugir, mas a de Colomba, mais firme, cada vez a approximava mais das de Orso.

— «Mas por que me não respondeu?... duas linhas, uma lettra só que fosse!... enganás-me. Ella não pode supportar esta terra, partiu já!...»

A força de attrahir a mão de miss Nevil, Colomba conseguiu a final juncta-la á de seu irmão. Então, afastando-se de repente, e com uma rizada d'alegria, exclamou:

— «Orso, pedi a resposta a miss Lidia.»

A ingleza, vermelha como um coral, balbuciou sons inintelligiveis. Della Rebia cuidava que tudo isto era ainda um sonho.

— «Miss Nevil, aqui! como se atreveu?... Ah! esta felicidade é tamanha... que ainda duvido d'ella...»

E tentava erguer-se para lhe beijar a mão.

— «Acompanhei, Colomba, disse Lidia, não queria que suspeitassem que vinha aqui... e depois eu desejava também saber... Mas que mal está n'este erno!»

Colomba, assentando-se atraz de Orso e levantando-o com cuidado, encostou-lhe a cabeça ao joelho. Depois passando-lhe os braços á roda do pescoço, fez um aceno a miss Nevil para que se aproximasse.

— «Vamos, mais perto, mais perto! Não obrigue o doente a fallar alto.»

E como Lidia hesitava, pegou-lhe na mão, e obrigou-a a assentar, tão chegada a Orso que o vestido tocava no capote, e os dedos pouzavam no hombro do mancebo.

— «Agora sim — estão como devem estar, disse Colomba. Então, Orso, não se passa bem na charneca, n'uma noite d'estas?»

— «Linda noite, que nunca ha de esquecer!»

— «Mas não pôde ficar aqui, insistiu Lidia; é necessario voltar a Pietranera. Esta desgraçada aventura não terá consequencias... Á minha partida, accrescentou suspirando, espero que levarei a feliz certeza de estar reconhecido o seu valor e lealdade.»

— «Partir, miss Nevil, já!... pelo céu não m'o diga n'esta hora... sou tão ditoso!»

— «Por força ha de ser! meu pai não pôde caçar sempre... e talvez o mais cedo seja o melhor para nós ambos.»

Orso arrancou um suspiro e descaiu a cabeça sobre o peito. Seguiu-se um momento de silencio.

— «Nós é que a não deixamos partir, acudiu Colomba. Ainda ha muito que fazer em Pietranera... Mas que tem Brusco?... Abi vem Brandolaccio... Vamos vêr o que é!»

E erguendo-se, deitou sem cerimonia a cabeça de Orso no collo de miss Nevil, e correu direita ao bandido.

Envergonhada de ficar assim só com um mancebo quasi nos braços, a bella ingleza não se atrevia nem a arredar-se, por não molestar o ferido, nem a levantar o rosto por timidez; porém Orso arredou-se logo e apoiando o corpo no braço direito, disse:

— «Oh! miss Nevil, partir já!... tem razão, esta miseravel terra não merece que esteja aqui... e apesar d'isso, cada vez que me lembro de que nos havemos de separar é uma dôr, que me arreventa o coração... Sou um official pobre, sem esperanças, e proscripto hoje... que momento para lhe declarar que a amo!... é a primeira, e de certo a ultima vez. Depois, morrer aqui, ou nos desertos da America, pouco importa. Em toda a parte se acha um punhado de terra para cobrir um cadaver.»

Miss Lidia desviou a cabeça, como se a obscuridade não fosse bastante para esconder a sua confusão.

— «E eu viria aqui — respondeu ella com voz tremula — se não fosse...» — fallando assim, mettia-lhe no dedo o anel que lhe dera em Ajaccio. E, vencendo um pouco a sua torvação, accrescentou: — «É mal feito fallarmos n'estas cousas n'uma charneca, entre bandidos... Aqui não podia, ainda que quizesse, enfadar-me... como devia.»

Orso, desbruçando-se para lhe beijar a mão, perdeu o equilibrio, e caiu sobre o braço ferido. A dôr arrancou-lhe um grito.

— «E eu é que tive a culpa!...» exclamou ella, levantando-o. O rosto de ambos encontrou-se, e o mancebo ousou imprimir-lhe nos labios um beijo ardente, que não foi repellido. — N'este instante Colomba, correndo precipitadamente, gritou de longe:

— «Os soldados!... Orso; levanta-te, fuge!»

— «Deixa-me. Dize aos bandidos que se salvem. Eu fico; mas pelo amor do céu, leva d'aqui miss Lidia, que a não vejam.»

— «Eu é que o não deixo,» disse Brandolaccio.

— «Nem nós também,» acudiram as duas mulheres.

— «Não, deixem-me. Em nome de Deus, Colomba salva miss Nevil, ou não tornas mais a vêr-me!»

Mas Colomba e Brandolaccio tomaram-n'o nos braços, e este ultimo, carregando-o aos hombros, começou a descer a ladeira no meio das ameaças do ferido. Correram assim algum tempo, ouvindo d'espago a espago os tiros dos soldados, a que respondia a intervallos a espingarda de Orso, atirada pelo theologo Giocanto Castrioni. Por fim Brandolaccio declarou que já não podia mais, e deixou-se cair no chão, a despeito das reprehensões de Colomba.

— «Onde está miss Nevil?» perguntou Orso.

Disseram-lhe que assustada pelos tiros, e detida a cada passo pela altura e aspereza do matto, naturalmente tinha perdido o rasto dos fugitivos; Brandolaccio assegurou que não corria o menor perigo.

— «Ahi vem um cavallo, exclamou Colomba, estamos salvos!»

Effectivamente um cavallo, espantado pelo estrondo dos tiros, corria para aquelle sitio.

— «Estamos salvos!» gritou Brandolaccio. Correr ao cavallo, segura-lo pelas clinas, passar-lhe na bocca uma laçada em vez de freio, foi obra d'um instante para o bandido, auxiliado por Colomba. — «Agora vamos avisar o nosso cura, Castrioni» disse elle. E assobiou duas vezes — um silvo distante res-

pondeu ao signal, e logo depois a espingarda ingleza emmudeceu. Então Brandolaccio saltou no cavallo, e Colomba ajudou seu irmão a collocar-se diante d'elle, que o segurava com um dos braços, em quanto a outra mão dirigia a redea. Apesar do pezo duplicado, o cavallo, robusto e generoso, partiu a bom gallopar por uma mouta empinada.

Colomba tornou então atraz, chamando miss Nevil com toda a voz, mas ninguem lhe respondeu. Depois de vaguear em busca d'ella algum tempo, foi encontrar á bocca d'uma senda dois soldados, que a mandaram parar.

— «Quantos mortos trazem da sua campanha, camaradas?» perguntou ella rindo.

— «Estava com os bandidos, disse um dos soldados, ha de vir comnosco.»

— «De certo; preciso d'escolta. Mas tenho aqui uma amiga; e antes é preciso saber onde está.»

— «Já foi preza. Hão de ir ambas dormir á cadeia.»

— «Sim? Deve ser curioso!»

Poucos minutos depois estavam junctas as duas amigas, e escoltadas pelo destacamento encaminharam-se para Pietranera.

Quando chegaram, antes de entrar em casa do prefeito para onde as conduziã, Colomba, apertando o braço a miss Nevil, murmurou-lhe ao ouvido:

— «Meu pobre irmão, como ha de estar! Mas eu conheço que m'o ama, pelos menos tanto como eu.»

Miss Lidia apertou-lhe a mão sem responder.

— «Quando a ouvi conversar tão baixo com Orso, entendi logo que tinha alguma cousa que dizer a seu pai.»

— «Ah, Colomba, que traição!... E o que hão de dizer?»

— «Que se perdeu na charneca.»

— «Fazer-me isto, a mim que tinha tanta confiança na sua amizade!»

Colomba, sorrindo, passou-lhe o braço á roda do corpo, e beijando-a na frente, disse em voz baixa:

— «Minha querida irmã, perdoas-me?»

— «Que remedio, minha terrivel irmã!» replicou Lidia, dando-lhe outro beijo.

Quando subiram, o coronel, pela vigesima vez, voltava a buscar noticias de sua filha. A sua inquietação crescia a cada momento. De repente annunciaram a apprehensão de duas espías dos bandidos, e debaixo d'este honrado titulo foram introduzidas na sala onde sir Thomaz Nevil, o prefeito e o procurador regio se achavam reunidos. É facil de suppor qual seria o pejo de Lidia, o desaforo de Colomba, o espanto do prefeito, a alegria e assombro do coronel. O procurador regio, moço e malicioso, procedeu a uma especie de interrogatorio, que terminou por elle confundir de todo a timida e assustada ingleza.

— «Julgo, disse o prefeito, que podemos soltar ambas. Estas senhoras foram passear, e por acaso encontraram um mancebo amavel e ferido — nada era mais natural do que fallar-lhe.» — Depois, chamando Colomba de parte, ajuntou: — «Póde mandar dizer a seu irmão que o seu negocio está excellentemente figurado. O exame dos cadaveres e o depoimento do coronel provam que elle estava só, e não fez mais do que defender-se. Tudo se ha de arranjar, mas é necessario que venha entregar-se á justiça e sollicitar o seu livramento.»

Eram onze horas quando o coronel, Colomba e Lidia se assentaram á mesa. Colomba devorava com appetite, escarnecendo o prefeito, os advogados e os soldados. Sir Thomaz comia silencioso, olhando a cada instante para sua filha, que não levantava a vista. Por fim em tom meigo mas grave:

— «Lidia, perguntou elle em inglez, estás compromettida com della Rebia?»

— «Sim, meu pai — desde esta tarde» respondeu ella córando, mas com voz firme.

Depois, fitando o pai, e não o vendo com mostras de cholera, foi-se-lhe lançar nos braços.

— «Está bom!... É um bello rapaz. Mas, por Deus, havemos de sair da sua excommungada patria, ou nego o meu consentimento.»

— «Não sei inglez, acudiu Colomba, mas aposto que adivinhei o que disseram!»

— «Diziamos, replicou o coronel, que a haviamos de convidar para vêr a Irlanda.»

— «Com todo o gosto, coronel. Serei a *surella Colomba*. Toquemos as mãos.»

— «O costume em taes casos é abraçarem-se as irmãs, e beijarem-se os pais.»

Colomba foi collocar-se ao lado de Lidia, e o coronel, despejando o ultimo copo de vinho, retirou-se rosnando entre dentes.

— «Orso é um excellente companheiro, mas não ha de viver n'esta amaldiçoada terra.»



COSTUMES DA LUSACIA.

ENTRE as duas capitães, Dresda do reino de Saxonia, e Breslau da provincia de Silesia, estende-se uma planicie fertil e ondulosa, dividida em duas partes chamadas alta e baixa Lusacia, e que está repartida entre a Saxonia e a Prussia: cincoenta mil habitantes do lado da primeira, e duzentos mil

do lado da Prússia, é quanto resta de uma população slava, que no VI século se havia derramado pelo meio da Thuringia, do territorio de Anhalt e de uma parte da marca de Brandeburgo, e que está ao presente encravada, estreitada n'um acanhado districto da Allemanha. No século XIII ainda este povo gozava de notavel influencia em muitos paizes do norte d'este imperio; nas ruas de Leipsick fallava-se oslavo, e bom numero de aldeias e senhorios conservavam desde essa epocha denominação slava; actualmente este dialecto estrangeiro some-se de dia para dia até na provincia onde se refugiou a tribu nomada, que o conservára atravez de tantas vicissitudes e por tantos seculos; a linguagem allemã o substitue nas escholae, pulpitos e actos publicos. Talvez que brevemente essa tribu derradeira da antiga raça esclavonia, que amedrontou e subjugou parte dos paizes germanicos, venha a perder até a memoria de sua remota origem, e tambem os seus usos tradicionaes, para adoptar o idioma, leis e costumes da casta allemã, que a cerca por todos os lados.

Uma parte d'esta familia esclavonia é protestante, outra parte catholica; os estrangeiros os designam pelo nome generico de *rendes*; pela maior parte se occupam todo o anno nos trabalhos agricolas e criação de gado. Antigamente, além do dizimo que pagavam, deviam estar ás ordens de seus respectivos senhores quando fossem requeridos, com seus cavallos e carroças, ou para lhes lavrarem as terras, ou para lhes prepararem a habitação, e até para os transportar d'um para outro sitio: libertos actualmente d'aquella especie de servidão, cultivam em paz seus campos, e administram sem olheiros os seus bens ruraes. O pai de familia exercita sobre quantos se lhe aggregam auctoridade patriarchal; rege, determina, e todos lhe devem obedecer: em quanto anda occupado fora de casa, governa a mulher em seu lugar; na verdade é quem manda na ausencia do marido, mas quando este volta deve ser a primeira a dar exemplo de obediencia. — Nas laboriosas casas dos *rendes* todos têm suas tarefas e attribuições; os filhos que ainda não são bastante robustos para ajudar o pai nas lidas campestres, os velhos que já não podem guiar a relha do arado, passam o dia a fiar lã, calhano ou linho. Ha assembleas regulares de pessoas que fiam desde a manhã até a noite como se fôra n'uma fabrica, com a differença que cada um trabalha por sua conta. Para os que podem occupar-se n'outro lavor só começa a fiagem em 11 de Outubro e finda na quarta-feira de cinzas. Arrancha uma duzia de pessoas para irem de roca e fuso n'um inverno para uma casa e n'outro inverno para outra: o primeiro dia d'este industrioso ajuntamento é de festa. A dona da casa onde se reúnem as que fiam aos serões n'uma internada, apresenta-lhes n'esse dia um ganso bem assado e um prato de vacca: começa a tarefa ás sete da tarde e demora-se até ás dez, excepto aos sabbados, que acaba uma hora mais cedo. Todos estes serões são muito alegres e animados; as raparigas cantam em coro cantigas populares ou xecaras; ora uma santa velha refere as historias de fadas e encantadores que aprendera na infancia; e de tempos a tempos interrompe-se o fio usual d'esses cantos e narrações com uma concorrência mais festiva e ruidosa: os marcebos pertencentes ao rancho annunciam que em tal dia se apresentarão na casa da fiagem; e trazem consigo billas de cerveja e frascos de aguardente; então depõe-se a roca para dançarem ao som dos instrumentos de que usam. Em vespera de Natal ha uma reunião mais grave e solenne, especie de juizo em que se examina o trabalho das fiandeiras, e são multadas as que não fiam

bem igual e as que deixam ir gudihões de lã pegados ao fato: a sentença dá-se em meio das risadas da assembléa, e as culpadas recebem a sua amnistia n'uma dança geral. No dia seguinte festeja-se em cada casa a solemnidade do Natal: — uma donzella vestida de branco entra no quarto em que a familia está juncta, tendo n'uma das mãos uma varinha e na outra um panno cheio de nozes e maçãs, e diz: — «Ha aqui meninos bons?» — Responde-lhe: — «Hã.» — É apparece toda a rapaziada da casa: pergunta-os ella a um por um, e aos que respondem mal dá-lhes alguns leves toques com a vara, e aos que se explicam bem reparte os presentes que traz da parte do Menino Jesus: é um exame carinhoso mas serio, que se passa perante os cabeças da familia, e que nos corações da infancia causa profunda impressão.

No verão festejam-se outros dias, principalmente o de S. João e das ceifas. Acabada a colheita os segadores conduzem a casa o ultimo carro de trigo, que no cimo da carga traz um mólho de paveias engrinaldado de flôres: bandos de raparigas precedem o carro trazendo âncinhos enfeitados de ramos e corriolas ou campainhas do campo; seguem-n'as os jornaleiros em duas filas a modo de procissão cantando um hymno religioso. Junctam-se no pateo da vivenda rustica; os cantos continuam até a ceia; e depois d'esta, na qual apparecem (rarissimo caso!) muitas garrafas de vinho, começam os bailes; a dona da casa é sempre quem rompe a dança, e a festa deita até o raiar da aurora.

O canto é um dos prazeres habituaes d'esta boa gente; encontra-se nas mais simples aldeias da Lusacia ranchos de cantores, todos camponezes mancebos, que em certas epochas do anno andam cantando ás portas dos recém-nascidos, ou dos que estão para casar; começam o gyro de ordinario pela meia-noite, e ás vezes ainda se acham pela madrugada dirigindo a sua harmoniosa saudação aos que acabam de vir ao mundo, ou aos que pelo casamento vão entrar em vida nova.

Os antigos usos dos *rendes* apparecem sobre tudo nos funeraes e nas funções familiares. Quando fallece um camponez, os parentes e amigos associam á sua magua os animaes de que elle cuidára quando vivo: uma pessoa da casa vai bater nos cortiços e grita: — «surgi, abelhinhas, levantai-vos, já não tendes o vosso bom dono.» — E um criado leva ao gado ração extraordinaria de feno ou de aveia. Não escarnejamos d'estes habitos ingenuos: ha entre o homem do campo e os animaes que o servem em sua penosa lida mavisas relações. Não é dotado de completo sentimento de compaixão aquelle que, enternecendo-se sómente com as miserias humanas, pôde ver sem abalo o cavallo titubante na estrada se puxa por uma carga de sobejo pezada, ou o boi desfallecido arando de manhã até á tarde um chão pedregoso.

Os baptisados solemnizam-se na Lusacia com grande pompa: dão á creança muitos padrinhos, e recitam sobre o berço quantidade de religiosas e ternas orações: seus pais sabem por experiencia de quantos embarços é juncado o trilho da vida, e quererian preservar das afflicções por que passaram a sua querida prole, dando-lhe em nome de Christo muitos tutores e invocando para elle as benções celestes.

O SABER sem riqueza é como um pé sem sapato, e a riqueza sem o saber como um sapato sem pé.

(*Extrahida do Talmud.*)

A VINGANÇA DO HOMEM BRANCO.

Scena da vida dos indios selvagens da America Septentrional.

I.

NAS margens do Maria, a pouco mais distancia da de um dia de jornada do sitio onde este rio mistura a sua corrente com as aguas turvas do Missouri, ardião debaixo das arvores, que assombream as ribanceiras do pequeno rio, as fogueiras de um bando de mancebos caçadores, da tribu dos *Pés-Negros*, os quaes se tinham afastado do corpo da tribu para celebrarem os mysterios que os haviam de elevar á dignidade de guerreiros. A uns cem passos d'este logar estava um wigam (ou *choupana india*) agudo e alto, levantando-se da terra como uma pyramide, em cujo interior mal podiam penetrar alguns raios de luz por entre a ramagem fortemente entrelaçada.

No mais profundo silencio aquelles mancebos em numero de vinte e oito tinham os olhos pregados no chão, entretido cada um com os seus proprios pensamentos lugubres, quando de repente se ouviram no interior do wigam os sons altos e compassados de um tambor. Obedecendo ao chamamento todos successivamente se levantaram, sem tirarem os olhos do chão. O primeiro que chegou levantou a pelle de bufalo que tapava a entrada estreita e baixa, segurando-a até o ultimo ter entrado, e entrando elle depois tornou a tapar a entrada deixando cair a pelle.

O interior, de fórma circular fechando no alto em ponta, que teria trinta pés de altura, estava ornado com varios utensilios, armas, mantas e *escalpos* (1), sobresaído a pelle de um bufalo branco, offerta consagrada ao Grande Espirito; e no centro onde se reuniam as varas que sustinham a construcção, estava pendurada, ainda ensanguentada, a cabeça de um enorme bufalo, toda rodeada de fumo que não tinha por onde sair.

Sem fazerem a menor bulha todos aquelles mancebos tomaram os seus logares em roda da fogueira, e o que tinha tocado o tambor desenrolou uma pelle branca e macia, e tirou o cachimbo de paz, com um tubo ou pipo largo e comprido, ornado de jerogliphos significativos, e com pennas de aves de cores vivas até a chaminé, feita de barro encarnado; encheu-o de tabaco e hervas odoríferas, poz-lhe em cima uma braza e levantou-o com solemnidade: aspirando o fumo deitou-o pelo nariz; tomou o tubo com ambas as mãos, inclinou-se para diante até tocar com o cachimbo no chão, e repetiu a aspiração; passou então o emblema de união ao que estava á sua direita, e d'este modo andou em roda, circulando as ofertas feitas ao Grande Espirito, bem como a cabeça do bufalo.

Houve uma pausa de alguns minutos, até que um dos mancebos se levantou, estendendo o braço e disse: — «Manitou (assim denominam os selvagens o Ente Supremo) os nossos corações ardem em desejo de encontrarmos os nossos inimigos; as nossas armas estão afiadas e as nossas flechas aguçadas — os nossos olhos estão claros — seguem o vôo da aguia até o mais alto penhasco da montanha, — descubrem o rasto que a panthera deixa na rocha dura; mas feiticeiros malevolos se entremettem, e nos enevôam a vista, enganam-nos com rastos fingidos e afugentam a caça

do nosso territorio. Manitou, estende o teu braço sobre nós; conserva-nos os olhos claros e os braços fortes; faze-nos encontrar bufalos e a antilope pastando. Manitou, guarda-nos do poder dos feiticeiros.

Sentou-se; e o que lhe ficava immediato á direita, erguendo-se, continuou as preces: — «Manitou, estende o teu braço e salva-nos dos maleficios dos feiticeiros: elles são fortes e poderosos; podem incutir-nos doencas e quebrantar-nos os braços; mas tu has de destrui-los. Mostra-nos o rasto dos nossos inimigos; e nós te tributaremos ricos despojos — *escalpos* e mantas quentes; um cavallo novo e forte e uma caldeira de cozer a caça: Manitou, guia-nos ao rasto dos nossos inimigos.»

Então se levantou um dos que estavam sentados defronte, e estendendo ambos os braços por cima da fogueira, disse: — «O fumo do cachimbo da paz subiu com as nossas preces aos pés do Grande Espirito: elle sabe que nós estamos aqui reunidos; não só vê o nosso sacrificio e as nossas ofertas; mas tambem ouve o nosso juramento. Os paconis e kausaus, os chochonis e artapaões tractam e negoceam com as caras pallidas (1), — devem morrer. Elles têm medo dos homens brancos; espalham a mentira de que os brancos atravessaram a agua grande em monstruosas canoas com azas, e que manejam armas que um homem não póde abraçar: — arrastem-se no pó; — nós os *Pés-Negros* queremos vingar o sangue dos nossos irmãos assassinados; — os caras pallidas devem morrer. Nós amamos a terra onde os nossos maiores estão enterrados; nós prezamos as nossas familias e os nossos amigos; e o sol não ha de illuminar o dia em que voltemos sem termos derramado o sangue dos nossos inimigos; e nós te ofertaremos o melhor despojo.»

Depois d'isto todos se levantaram e repetiram o juramento solenne; e, seguindo os tons reguladores do tambor, principiaram as danças sagradas. A principio andaram a passos apausados em roda da fogueira; mas os sons gradualmente apressados do tambor os animaram; os movimentos foram-se tornando mais rapidos e energicos, até que com o grito de guerra na bocca, cansados e quasi desfallecidos, caíram no chão para então receberem em sonhos os conselhos dos valentes que morreram nas batalhas, e as prophcias das suas campanhas futuras.

Tres dias e tres noites repetiram estas ceremonias agradaveis ao Grande Espirito, e em todo este espaço nem comeram nem beberam, nem saíram do wigam; mas logo que ao quarto dia o sol despontou no oriente, reunidos á borda do rio nomearam d'entre si para seu caudilho o filho de um cacique, o qual na ultima caçada se tinha distinguido pela sua intelligencia. Com animo ousado, quando no ultimo inverno estavam exhaustas as provisões, e a caça se tinha tornado escassa, tinha elle entrado na caverna de um urso pardo, e matando-o tinha distribuido a carne aos esfomeados. Sete pelles de pantheras estavam penduradas no seu wigam, e suas irmãs repousavam em pelles macias de caça que elle matára. Todos unanimemente aclamaram o *Puinha* (nome que a sua astucia e velocidade lhe tinham grangeado) por seu capitão; e concordaram no logar em que passados tres dias se deviam encontrar para começarem as suas operações de guerra.

Tres semanas se teriam passado depois da solenni-

(1) Em falta de termo proprio em portuguez, pareceunos que não havia inconveniente em adoptar este, admittido em diversas linguas, para significar a pelle da cabeça dos mortos em batalha, arrancada com os cabellos, por meio de um golpe circular, para ficar servindo de trophéu ao vencedor, segundo o estylo de muitas nações de indios americanos.

(1) Os nossos leitores não ignoram que os indios americanos são cor de cobre, e que por isso todos os brancos se lhes figuram pallidos; d'onde nasce a expressão de *caras pallidas* com que designam os europeus.

nidade que acabámos de relatar, quando uma pequena caravana de viajantes ia atravessando a Savana, planície que parece não ter fim, a qual, terminada da banda do poente pelos Montes de Rocha, e do lado do nascente pelos Estados-Unidos, corre immensa extensão para o norte e para o sul: voltavam os viajantes de uma expedição mercantil a Sancta Fé do Mexico, e se lisonjeavam de brevemente entrarem no territorio patrio. Formavam a caravana quatro carros puxados por vigorosos e possantes machos, rodeados de nove cavalleiros montados em pequenos mas rijos cavallos indios, em quanto outro, uns cem passos adiante, ia espiando os contornos.

— «Que tal seria, Roberto, se descansassemos um pouco? disse um dos cavalleiros a outro: os machos estão cansados, e os homens não o estão menos: desde manhã que nem um bocado temos mettido na bocca; e se temos encontrado rastos de selvagens, isso não é motivo para nos esfaimarmos.»

— «Diga isso ao conductor, respondeu o outro, em quanto elle anda devemos segui-lo; mas parece-me que lá está elle procurando um lugar para descansarmos; porque em quanto nós temos conversado, tem elle examinado attentamente aquelle bosquesito que lá está adiante. Alli tambem deve haver alguma fonte; a folhagem parece tão fresca e viçosa!»

Não se realisaram porém estas supposições, porque em lugar de entrar no arvoredor, o conductor com um movimento de braço deu a entender á caravana que o rodeasse, e que se não approximasse ás arvores, que tanta sombra e frescura promettiam.

— «Maldicto! disse o cavalleiro; tomára eu agora saber que escrupulos tem na cabeça o conductor para privar os nossos pobres corpos de um pedaço de descanso. Até onde a vista póde alcançar não ha outras arvores. Roberto, dê-me um bocado de tabaco; necessito ter alguma cousa na bocca.»

O companheiro satisfez o pedido; e para evitarem o lugar que parecia suspeito ao conductor, tirou os carros fóra do trilho que outros tinham feito, e tornando a entrar n'elle, quando o perigo era passado, continuaram a caminhar até o sol lançar a saudação de despedida sobre o immenso e ondeado horisonte da Savana. O bosquesinho, tão cuidadosamente evitado, se via já a uma distancia immensa, como um oasis no deserto de Sahara, quando em cima de uma d'estas suaves alturas, que dão á Savana o aspecto de um mar agitado, formaram os carros em quadrado, e no meio accenderam um lume que durou pouco tempo, e que prudentemente foi escondido com cobertores suspensos em roda, para que o clarão não indicasse que estavam alli a qualquer inimigo que podesse estar emboscado na visinhança.

Apenas os viajantes acabaram a sua ceia, que se limitou a carne secca de bufalo e café, apagaram as brazas que restavam, e cuidadosamente guardaram os carvões para o resto da viagem; e atando as cavalgaduras a estacas cravadas no chão, collocaram sentinellas que, deitadas na terra, podiam facilmente descobrir inimigos que se approximassem. No centro d'esta pequena fortificação improvisada repousaram tranquillamente os que não vigiavam, e encurtaram as longas horas da noite com anedotas e casos da vida agitada que tinham passado.

— «Mas, Hopkins, disse um d'elles chamado Thomaz, porque nos não deixaste descansar n'aquelle lugar que tão aprazível sombra nos offerecia?»

— «Não viste os açores que pairavam por cima, Thomaz?»

— «É verdade que sim, disse este; mas que têm elles com isto?»

— «Os rauzaus, como os viajantes do Oregon que

antes de hontem encontrámos nos disseram, largaram estes sitios ha apenas cinco dias, e podeis contar de certo que não deixaram nem uma só peça de caça.»

— «Póde bem ser; mas talvez que aquellas aves de rapina sentissem alguma caça morta.»

— «E podeis crêr que uma peça de caça morta ficasse um só dia na Savana, sem lhe serem os ossos roídos pelos lobos e por aquelles mesmos açores, tão limpinhos, que o resto não daria comer a uma formiga? Nada — n'aquelle bosquesito ha mysterio; e antes do romper d'alva hei de estar acordado... os demonios vermelhos, no caso que lá os haja, não costumam apparecer mais cedo. Quizesse Deus que elles viessem — para mim seria uma delicia vêr de novo espirar um par d'elles, com o grito de guerra na bocca como ursos feridos de morte.»

— «Dize-me, Hopkins, que te indispoz tão furiosamente contra os *pelles vermelhas*? (1) perguntou Thomaz; leve-me *este e aquelle* se eu tão pouco os posso soffrer, e confesso que nunca me acho tão bem como quando nada ouço d'elles: mas um odio tão inveterado e profundo como tu lhe tens, não tenho eu. Não lhes posso levar a mal que nos não possam tragar; porque bem mal os temos tractado.»

Rangendo os dentes exclamou Hopkins: — «Quereis ainda desculpa-los? Se tivésseis soffrido o que eu tive que supportar; se tivésseis visto cair nas suas garras o que mais apreciáveis n'este mundo, então serieis seu inimigo mortal como eu, e lhe terieis jurado eterna vingança e incessante perseguição até os exterminar. Mas longe de mim estas recordações dos quadros funestos e pungentes de tempos que já passaram. Ainda pisámos o territorio d'aquelles demonios vermelhos que não conhecem misericordia; e temos motivos bastantes não só para estarmos acutelados, mas tambem para pouparmos as forças para a occasião do perigo. Vamos agora descansar para termos a vista clara quando nos tocar a vez de velarmos.

LONGEVIDADE DOS SABIOS.

Os HABITOS estudiosos, os trabalhos da intelligencia não são prejudiciaes á saude senão para quem os não sabe conciliar com um exercicio sufficiente das forças physicas e uma hygiene conveniente. Os exemplos de longevidade não são mais raros entre os sabios e os philosophos do que nas outras classes da sociedade. Boerhaave viveu 70 annos; Locke 73; Galileu 78; Newton 85; Fontenelle 100. Bayle, Leibnitz, Volney, Buffon, e muitos homens distinctos do seculo passado, que virão á memoria dos nossos leitores, chegaram a uma idade muito avançada. Poder-se-hia citar grandissimo numero de eruditos e doutos allemães quasi centenarios. O professor Blumenbach morren ha pouco tempo com 88 annos de idade, e o doutor Olbers, o celebre astronomo de Breme, com 81 annos.

TENHO conhecido homens dotados de boas qualidades, que eram utilissimos aos outros e inuteis para si: como um relógio solar na frontaria d'uma casa mostra as horas aos visinhos e aos passantes, mas não ao dono.

SWIFT.

(1) Os leitores familiarizados com os romances de Cooper e outros escriptos da America do Norte sabem quanto esta expressão é usada para designar os indios americanos, pelo motivo indicado na nota antecedente.